

O CORREIO LEIBNIZIANO – LEIBNIZ E MALEBRANCHE NO CONTEXTO DO “DISCURSO DE METAFÍSICA”

[THE LEIBNIZIAN MAIL - LEIBNIZ AND MALEBRANCHE IN THE CONTEXT OF DISCOURSE ON METAPHYSICS]

*Elana Araújo **
*Cristiano Bonneau ***

RESUMO: Esse texto expõe algumas das importantes influências do pensamento de Malebranche sobre a filosofia de Leibniz. A relação entre o Reino da Graça e o Reino da Natureza desvelam os limites da ação humana, que se insere na idéia de sistema do mundo. Malebranche deixa entrever o conceito de simples para descrever o universo e seus desígnios. As leis que regem o universo seguem esta lógica da simplicidade e também da sua riqueza de efeitos. O texto demonstra a forma que Leibniz se aproxima deste conceito para desenvolver sua própria noção de universo e de ação divina.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso de Metafísica; Leibniz; Malebranche

ABSTRACT: This paper exposes some of the important influences of Malebranche's thinking in Leibniz's philosophy. The relationship between the Reign of Grace and the Reign of Nature unveils the limits of human action, which is part of the idea of the world system. Malebranche well determines with the concept of simple to describe the universe and its designs. As the laws governing the universe, this logic of simplicity and also of its wealth of. This text demonstrates how a concept is formed to construct the very notion of the universe and divine action.

KEYWORDS: Metaphysics Discurs, Leibniz; Malebranche

INTRODUÇÃO

Podemos vislumbrar em Leibniz a existência de uma preocupação com temas da ética, tais como a amizade, o amor e a felicidade? Temas que foram tão abertos para os gregos, cuja referência ressoa até hoje nos modelos de relações que porventura aplicamos. Ou que foram suprimidos e até mesmo negados pela maior parte do medievo, que admitia como único amor verdadeiro aquele que fosse plenamente dispensado à Deus. Nos dias de hoje, temáticas desta envergadura causam no mínimo estranheza nos bancos escolares e universitários, quando, na maioria das vezes são pouco apreciadas e consumidas pela prensa que temos em relação às mudanças.

Na primeira parte da Causa Dei (PS, VI, 439) Leibniz dispara que ‘o exame apologetico da causa de Deus não interessa somente a glória divina, mas também nossa própria utilidade...’ Ora, o tema da utilidade também tem sua

* Universidade Federal da Paraíba/CNPq. ** Professor de Filosofia no Depto. de Ciências Sociais do Centro-CCAE-UFPB. Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação de Filosofia da Universidade de São Paulo-USP com período sanduíche em Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne (Orientador: Chantal Jaquet). m@ilto:crbonneau1@gmail.com

relação com a ética e apreende seu sentido na medida em que se direciona para o conhecimento dos desígnios da divindade, fonte de tudo o que é bom e belo. O principal objetivo é a busca de um prazer como *Summum Bonum*, evitando o máximo possível o sofrimento, em especial, a dor. Sofrer, na forma principal da resignação e na forma de renúncia, tornaram-se valores absolutos na Cristandade e apontavam para uma felicidade recompensatória post mortem, não deste mundo.

Em Leibniz, felicidade e suplício até podem ser compatíveis, desde que cumpram seu propósito no reino da Natureza e no reino da Graça. Esses dois reinos, de certa forma apresentados na Cidade de Deus e na Cidade dos Homens, apresentam-se formatados a partir das noções de Graça e de Natureza. Essa é a importância do escrito malebranchiano, que constrói sua cosmologia e visão de mundo a partir desta divisão essencial.

Por isso, o primeiro passo é o entendimento dos desígnios divinos em sua grandeza, seu poder e sua sabedoria, condição necessária para enfim, aceitar e amar a ordem, seja de que maneira este mundo organizado se apresente. A conciliação entre dois momentos tão díspares e distintos, sem dúvida, tem suas origens na religião do cristianismo. Malebranche, por exemplo, no seu Tratado da natureza e da graça, texto polêmico em sua essência, coloca inúmeras vezes Jesus Cristo como um exemplo de sofrimento e de caridade (Malebranche, 1957, XXI. p. 217), na medida em que seu martírio foi cometido ao pensar nos outros. Leibniz, que sofrerá influência direta do padre cartesiano francês (basta observar a sua densa correspondência), em especial no importante escrito pré-monádico, *Discurso de Metafísica*, procura aí, posicionar-se de forma mais sintética sobre a relação entre Deus e o Mundo, sem, no entanto, ser menos complexo no seu jogo de proposições.

Na proposição XXVII, Leibniz retoma os temas malebranchianos ao afirmar que ‘Jesus Cristo descobriu aos homens os mistérios e as leis admiráveis do Reino dos Céus e a grandeza da suprema felicidade que Deus prepara para aqueles que o amam.’ Na mesma esteira de raciocínio, o texto de Malebranche defende que é “a Escritura Santa que nos ensina por um lado que Deus quer que todos os homens sejam salvos, desde que eles venham a conhecer a verdade.”¹ A relação entre o homem e Deus toma o rumo do saber como acesso aos propósitos e desígnios da divindade. Da mesma forma, a relação entre Natureza e Deus se mantém de alguma forma conexa e sempre em ligação, a saber, exponencialmente. Leibniz se utiliza desta relação e assim como Malebranche, manterá a noção de Graça, mas não como uma oposição entre esta e o mundo natural. Ainda bastante intuitiva no texto do padre francês, mas já aberta na reflexão leibniziana, que, intrínseca à sua forma de pensar, procura explicar esta relação, sem cair nas armadilhas morais da cegueira religiosa.

Esta postura exegética e até mesmo, filosófica, tão representativa na filosofia cristã, mantém distantes duas realidades coexistentes, cuja existência não é dicotômica nem excludente. Se a História da Filosofia sempre se apresentara nesta separação entre a inteligibilidade e a sensibilidade, entre Deus e a Natureza, mesmo não sendo o primeiro, Leibniz reforça a necessidade de conciliação entre esses dois mundos, afinal, a natureza da substância se apresenta em sua simplicidade e perfeição, mas constitui-se em sua totalidade e complexidade. Não existe substância alguma que não tenha uma relação intrínseca com a totalidade, obra da onisciência e onipresença divina.

Por isso, que mesmo sendo a mais simples possível, imaginemos aqui os organismos monocelulares, a busca de microrganismos em Marte e todo o sistema solar, ainda assim, esta pequena ordem é representativa do todo, partícipe ativa da condição para existir e manter-se como mais uma substância do mundo, uma prova da riqueza divina. Na busca da defesa de um nível, seja este o da Graça ou da Natureza, Leibniz reforça essa posição e estabelece uma relação necessária e clara entre a criação e seu desígnio.

No entanto, o legado cartesiano ganha terreno, na medida em que a razão torna-se o esteio necessário para a compreensão da Natureza e de forma derivada, de Deus. A aparente oposição entre estes dois mundos torna-se o procedimento racional que visa compreender estes dois estágios da existência do universo e como Deus divide, organiza e atua. Conflito este, que é apenas humano, pois se daí podemos inferir a mônada e seus atributos, a condição de perspectiva de cada substância é o delimitador das fronteiras ontológicas do ser, sem que, este esteja desvinculado da totalidade. A possibilidade de localização no tempo e no espaço corresponde ao ponto de vista que será assumido no instante da existência de cada substância. No Discurso de Metafísica está demonstrado que:

“Deus, virando, por assim dizer, de todos os lados e maneiras o sistema geral dos fenômenos que julga conveniente produzir para manifestar a sua glória, e observando todos os aspectos do mundo de todas as formas possíveis (porque não existe nenhuma relação que escape à sua onisciência), faz com que o resultado de cada visão do universo, enquanto contemplado de certa maneira, seja uma substância expressando o universo segundo esse relance, desde que Deus ache conveniente realizar o seu pensamento e produzir esta substância. E como a visão de Deus é sempre verdadeira, as nossas percepções igualmente o são, mas nossos juízos, que são apenas nossos, nos enganam.”²

Deus, seja na sua versão ‘Natureza’ ou sua versão ‘Graça’ age sempre à sua maneira, ou seja, na lógica da suprema perfeição. Há uma justaposição colocada no texto e que mostra a natureza plena da onipresença divina e a limitação natural de todas as substâncias. Ora, se não houvesse qualquer limitação, não seria sequer uma substância e teríamos, sem dúvida, outro mundo e então buscaríamos uma outra nomenclatura para estabelecermos o que é isso ou aquilo.

Ter-se-ia inclusive, que admitir na filosofia de Leibniz, que haveriam outros deuses, o que não é o caso aqui representado. No entanto, por ser uma substância, esta permanece sempre fechada em si mesma, tão somente em suas fronteiras, nunca podendo ir além do que lhe limita. Esta limitação é crucial e vai ser um dos fundamentos mais concisos da Monadologia. Obviamente que o problema dos modernos permanece, pois, a relação/separação entre a Graça e a Natureza, apresentada diante do dilema entre a relação corpo e a alma, a extensão e o pensamento, permanece em si mesma, ainda que em roupagens e expressões linguísticas e conceituais distintas. O nosso problema consiste em investigar de que forma podemos inferir o que seja a felicidade no pensamento de Leibniz e por qual razão então, não é possível atribuir à qualquer relação ou existência na Natureza algo relativo à Felicidade.

A última passagem da citação acima coloca a relação do homem com Deus em dois níveis. O primeiro, em sua natureza necessária, na medida em que se apresenta em sua condição de substância neste mundo. Ora, Leibniz

afirma que “é necessário que as mônadas tenham algumas qualidades, de outro modo, sequer seriam um ser.”³ O segundo, não mais em acordo com a necessidade, mas no campo das contingências. Esta passagem de uma condição à outra, do mundo necessário para o mundo contingente de fato nos reserva um problema polêmico na filosofia de Leibniz. Vamos discutir um pouco esta questão. Podemos vislumbrar que a idéia de percepção, e que faz parte dos atributos necessários da substância, enquanto característica da substância, é uma condição de sua própria natureza.

Leibniz sempre esclarece que não existe percepção sem substância, colocando esta atribuição à tudo o que existe, ou seja, às mônadas. “Se nós queremos chamar de alma tudo aquilo que têm percepções e apetites, no sentido geral que quero explicar, todas as substâncias simples ou Mônadas poderiam ser chamadas de almas.”⁴ Entendemos, neste sentido, que a idéia de alma deu-se por causa do mundo da Graça. Mas ao mesmo tempo, serve também para designar a Mônada, que por sua vez, mantém a substância na condição de perfeição relativa ou de menor grau, e ainda, como autarquia. A alma, conceito pesado e carregado da metafísica e da religião no Ocidente torna-se aqui uma espécie de predicado do sujeito, que a detém em si mesmo, mas para além disso, continua a permanecer como uma mônada.

Essa passagem de substância para predicado foi determinante para definir o sistema da Monadologia como pertencente à dois mundos, aparentemente contraditórios e antagônicos, no entanto, são atestados da riqueza divina e toda a sua complexidade. Neste sentido a Mônada se apresenta, do ponto de vista conceitual, como a possibilidade de síntese entre diversos aspectos conflitantes da realidade. O atributo das percepções, como ponto de inflexão das mônadas com o mundo, e dos apetites, como ponto de inflexão da mônada com ela mesma, revelam não apenas a aptidão das substâncias para a mudança (seja do próprio tempo ou mesmo do espaço), ou na linguagem do próprio Leibniz, da realidade da virtualidade ou da capacidade de atualização que cada ser possui.

Isto comprova em grande medida, contra os detratores da Filosofia de Leibniz, que a necessidade não encerra o mundo, mas funciona como ponto de partida que garante a sua estabilidade e coerência racional, seja na instância do corpo, ou mesmo da alma. E ainda, que a harmonia preestabelecida, outra garantia da relação entre Deus e a ratio, detém em si mesma uma determinada dinâmica, que vincula sempre o movimento à mudança, promovendo e determinando a passagem do simples para o complexo e vice-versa. Esta é sem dúvida uma explicação para o fato de sempre estarmos em um processo de descoberta do mundo, ou até mesmo, de um tipo de razão progressiva que avança sobre os fenômenos e o enquadra nos ditames do raciocínio e da lógica. Temos em Leibniz uma definição iluminista ou pré-luzes de conhecimento que avança sempre em direção ao seu aperfeiçoamento, ou que seja, o seu progresso.

Se Deus é infinito, sua criação também segue a mesma regra e o conhecimento acerca de tudo o que existe não pode simplesmente cessar. Mesmo a fé, distinta das noções matemáticas e de outras ciências lógicas, não encerra de nenhuma forma a formulação do objeto que esta venha a ocupar. Para Leibniz, o milagre, a liberdade e até mesmo o mal na sua dimensão metafísica, mesmo ainda longe de serem circunscritos pelas linhas de uma racionalidade efetiva, ainda se mantêm em pé pela sua aptidão em promover uma explicação do mundo e sua constante mudança. O reino da Graça aqui age,

mas não deixa-se revelar ainda a demonstrar suas razões misteriosas que levaram Deus à escolher este e não aquele para existir.

A substância para Leibniz, enquanto mônada, constitui-se ao mesmo tempo como simples, no entanto, extremamente complexa. Esta complexidade apresenta a maneira como as substâncias se entrelaçam para formar um ser completo. O encerramento de qualidades e atributos no interior de cada substância, que se circunscrevem inclusive, na sua capacidade de relacionar-se com o mundo ou atualizar-se, mostra a perfeição de tudo o que existe. A existência é uma condição natural à perfeição, na medida em que apresenta ao mundo apenas seres mais compostos ou mais simples, com a capacidade plena de representar a criação divina.

O entendimento dos desígnios divinos e a admiração dos mistérios da criação são heranças do período medieval, mas que permanecem nos modernos. No entanto, é o modo de entrada e aproximação da natureza naturata e da natureza naturante que vão exigir novas habilidades do intelecto e uma postura cada vez mais próxima da racional. O labirinto anunciado por Leibniz na Teodicéia aponta para os diferentes graus da realidade e suas distintas perfeições. A compreensão do contínuo e sua dinâmica, em algum momento se entrelaça com o problema da liberdade e da determinação. Essa relação de retro determinação entre dois níveis de uma mesma realidade, apontamos aqui para os reinos da graça e da natureza, corresponde, em grande medida, à dependência que o átomo tem de suas homeomerias, sem as quais, não seria possível a união material capaz de fundar os seres.

Essa concepção da natureza atômica vai determinar uma concepção ética e de liberdade ou não dos seres. A exemplo do Epicurismo, que vai fundar sua ética na determinação atômica do homem. Como seria então, se a substância do mundo fosse a mônada e não o átomo? Essa digressão torna-se possível pela razão de que em Deus, não existe ruptura entre o milagre e o mistério, a fé e a razão, a graça e a natureza. Essa totalidade dos pontos de vista da ordem do divino, manifesta-se como unidade simples no mundo, condição metafísica para a existência dos seres, exceto Deus. A Causa Dei, ou Pequena Teodicéia, bem como a própria Teodicéia seguem na direção de demarcar as fronteiras ontológicas e metafísicas da substância e de Deus. Não há operação por unidades em Deus.

CONCLUSÃO

A unidade no simples é uma condição da mônada. Enquanto o divino vislumbra a totalidade em apenas um golpe e determina a relação entre existência e substância; as mônadas se movimentam a partir delas mesmas, ou seja, como partes, a saber, unidades completas. A natureza das apetições, que garante a atualização das percepções, é conduzir as partes sempre em direção ao todo. Se os apetites recebem da percepção um modo da realidade, seu papel fundamental será promover a passagem entre uma unidade do real e outra, para assim formar outra unidade. Este movimento é incessante, necessário para que as séries e sucessões de acontecimentos possam ocorrer e serem então computados. Só por essa razão é possível a construção da ciência e a admiração/suspeição da graça e dos milagres. Diferente de Descartes, que usa o método para decompor a realidade com o intuito de conhece-la, Leibniz parte

do pressuposto que para a condição metafísica da mônada, a distinção dá-se per natura. Se o sujeito procura então, decompor o real para compreendê-lo, no fundo ele está dividindo a parte que já está naturalmente estabelecida. Divide de forma artificial, o que já está fragmentado de forma natural. Podemos afirmar, que, se existe felicidade, esta é uma construção que se dá paulatinamente, ou seja, nas partes que avançam sempre na direção do todo.

REFERÊNCIA

- DESCARTES, R. *Princípios da Filosofia*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2004.
- Die Philosophischen Schriften von Gottfried Leibniz. Ed. C.I.Gerhardt (7 vols.)Hildesheim: Gerg Olms, 1978.
- Sämtliche Schriften und Briefe. Ed. Deutsche Akademie der Wissenschaften. Darmstadt/Leipzig/Berlin: Akademie Verlag, 1923ff.
- Olazo, G.W.Leibniz: Escritos Filosóficos, E. de Olaso, (ed.) Madrid, A.Machado, 2003.
- Escritos de dinâmica. G.W.Leibniz. Traducción de Juan arana Cañedo-Argüelles y Marcelino Rodríguez Donís. Editorial Tecnos: Madrid, 1991.
- MALEBRANCHE, Nicolás. *Traité de la Nature et de la Grace*. Paris, J.Vrin, 1958.
- Ouvres, Éditions Gallimard: Paris, 1978. 2 Vols.
- PARMÊNIDES. *Da Natureza*. Tradução, notas e comentários de Gabriel Trindade dos Santos. Edições Loyola, São Paulo: 2002.

NOTAS

- 1 Malebranche, 1958, p. 196, § XXXIX.
- 2 Leibniz, 1977, Discurso de Metafísica, § 14.
- 3 Leibniz, 1977, Monadologia, § 8.
- 4 Idem, § 19.